



TOMÁŠ  
**HALÍK**

DIANTE DE TI  
**OS MEUS  
CAMINHOS**





TOMÁŠ  
**HALÍK**

DIANTE DE TI  
**OS MEUS  
CAMINHOS**



A presente publicação foi realizada  
com o apoio do Ministério  
da Cultura da República Checa.

---

<b>Título original</b>	To Že Byl Život? © 2018, Tomáš Halík
<b>Tradução</b>	© 2018, Paulinas Editora
<b>Tradutora</b>	Anna Nemcova de Almeida
<b>Capa</b>	© Daniel Šorm
<b>Foto de capa</b>	© Jana Jabůrková
<b>Pré-impressão</b>	Paulinas Editora – Prior Velho
<b>Impressão e acabamentos</b>	Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda 446 792/18
<b>Depósito legal n.º</b>	978-989-673-662-0
<b>ISBN</b>	978-80-7422-642-7 (edição original 978-80-7422-642-7)

© Outubro 2018, Inst. Miss. Filhas de São Paulo  
Rua Francisco Salgado Zenha, 11  
2685-332 Prior Velho  
Tel. 219 405 640 – Fax 219 405 649  
editora@paulinas.pt  
www.paulinas.pt

SEM VALOR COMERCIAL

**C**om a sua história de vida, Tomáš Halík leva-nos a muitos lugares inusitados e a diferentes situações da vida.

Ele descreve a sua infância no estalinismo, a sua conversão ao cristianismo, a «Primavera de Praga» e a ocupação soviética em 1968, a sua secreta ordenação sacerdotal e o seu trabalho na «Igreja clandestina».

Narra ainda o seu envolvimento na «Revolução de Veludo», em 1989, e as mudanças ocorridas durante a construção da democracia. Ao fazê-lo, ele não apenas documenta o seu processo de maturidade intelectual e espiritual, mas também fala, abertamente, das suas crises e conflitos internos. Tomáš Halík está, assim, na tradição de Santo Agostinho, que criou um novo género literário com suas *Confissões*: a combinação da autobiografia com considerações teológicas e filosóficas.

## SUMÁRIO

1. No início dos caminhos
2. O caminho para a fé
3. O caminho da primavera
4. O caminho para o sacerdócio
5. O caminho da Igreja clandestina
6. O caminho do despertar
7. O caminho da catarse
8. O caminho da transição
9. O caminho da fundação
10. O caminho da noite
11. Pelo caminho da política?
12. Os caminhos pelo mundo
13. O caminho para o silêncio eterno

**J**á nos tempos de escola, sempre me atraíram as figuras dos opositores, dos «dissidentes» que iam contra a multidão, contra a maioria e o poder, contra os preconceitos, a «opinião pública» e as ideologias oficiais. Foi talvez assim, nos anos da minha mocidade, a minha percepção de João Huss, mais tarde, de Masaryk na sua luta contra o antissemitismo durante o «caso Hilsner» (o paralelo checo ao processo de Dreyfus) e de Karel Čapek nos tempos do final da sua vida, em que ficou exposto ao «linchamento» da gentalha da rua e da imprensa da direita nacionalista e católica. É possível que uma das primeiras fontes da minha conversão tenha sido também o filme inglês *Becket, o favorito do rei*, no qual me cativou a personagem do bispo que se opôs com coragem ao rei, aos magnatas bárbaros e ao clero colaboracionista e oportunista. Sempre detestei a injustiça e, na escola, soube tomar o partido dos injustiçados, e os professores chamavam-me «o advogado dos pobres».



Na véspera do Ano Novo de 1984, como em todas as últimas noites do ano, cheguei à Catedral de São Vito para encerrar o ano diante do Senhor e suplicar pela sua bênção para o ano vindouro. Os sacristãos já me conheciam e deixavam-me orar durante mais de duas horas após o encerramento do templo, enquanto limpavam toda a catedral. Naquela noite, concentrei-me com muita dificuldade. E, depois, aconteceu que caí em oração como uma pedra num poço fundo. E das profundezas surgiram pensamentos que nunca me tinham ocorrido antes. O milénio da morte de Santo Adalberto estava a aproximar-se e era necessário que não apenas a Igreja, mas toda a nação estivesse preparada para esse momento. Era necessária uma preparação sistemática, como foi a «Grande Novena» da cristianização da Polónia, pela qual rezou o cardeal Wyszinsky no seu enclausuramento. Era necessário apelar a todas as pessoas de boa vontade, era necessário curar e transformar as mentes e os corações porque vinham aí tempos novos...

Nunca antes pensara nisso, mas, quando estava a sair todo gelado da catedral escura, essa ideia ardia dentro de mim. Só em casa fui ver quando é que tinha morrido exatamente o Santo Adalberto e descobri que ainda havia vários anos para a preparação. Depois, a «grande novena» poderia começar. A primeira pessoa com quem abordei esta ideia, ainda inacabada, foi o meu confessor de então,

Petr Pitha; e eis que ele também tinha pensado em coisas semelhantes, e os nossos pensamentos em muito se complementavam como duas partes de um anel partido.

Assim nasceu a iniciativa do «Decénio da Renovação Espiritual da Nação». Esta iniciativa devia ser uma preparação não só para o milénio de Santo Adalberto, mas também para a entrada no novo milénio. Devia ser uma espécie de laboratório de um novo estilo de vida para o terceiro milénio que se aproximava. Devia ser um grande exercício comum, um reflexo da tradição, mas acima de tudo uma redescoberta dos valores que poderiam ser incorporados nos fundamentos de uma sociedade futura. Sentimos a proximidade das grandes mudanças na sociedade e não queríamos que se limitassem a uma mera *perestroika* de Gorbatchov. Sabíamos que, se quiséssemos uma renovação radical (ou seja, até às raízes) da sociedade, ela não devia ficar-se apenas pela transformação das relações externas, mudanças nas estruturas políticas e económicas, mas devia ser uma «revolução nas cabeças e nos corações», ou melhor, uma cultivação da atmosfera moral e geral da sociedade.



Sim, a maioria dos crentes, incluindo os sacerdotes, passa, provavelmente, pelo menos uma vez na vida, por uma grande crise espiritual.

Esta pode ser despoletada por algum conflito interpes-

soal ou por uma frustração causada pelo comportamento humano na Igreja, podendo assumir a forma de uma crise geral de confiança para com a instituição Igreja ou uma determinada comunidade. No caso dos sacerdotes, pode ser uma crise da vida celibatária ou um abalo da própria identidade sacerdotal ou religiosa. A crise pode ser causada pelo esgotamento e sobrecarga total e, mesmo entre os sacerdotes, a síndrome de *burnout* [esgotamento] é frequente. Às vezes, falamos sobre a «acédia, o demónio do meio-dia», que é o estado de uma crise súbita e um abatimento na meia-idade. Pode ser a «síndrome da porta fechada» quando o homem sente que está a envelhecer e que o horizonte das suas expectativas de vida e a sua motivação estão a mudar. E pode ser uma crise de fé, quando, devido a alguns acontecimentos stressantes e súplicas desatendidas, a atual imagem de Deus escurece e o homem põe em dúvida a sua bondade, a sua proximidade e, às vezes, até mesmo a sua existência. Às vezes, o homem sente mesmo uma aversão a tudo aquilo que é religioso e espiritual, incluindo a oração, mesmo que antes esta significasse muito para ele. Quem é que consegue distinguir os níveis, geralmente entrelaçados de forma complicada, do sofrimento espiritual, psíquico, físico ou interpessoal?

Há uma vasta gama de formas infelizes de lidar com estas crises. No caso de sacerdotes e clérigos, tenho visto várias reações típicas. Alguns de facto «perderam a fé» sem serem capazes de admiti-lo, tornando a religião um ofício. Outros tentaram adormecer e compensar essa

«perda de fé» não assumida. Entre esses encontra-se a maioria dos defensores fanáticos da ortodoxia, que projetam as suas próprias dúvidas nos outros, perseguindo-os fervorosamente e punindo-se assim inconscientemente a si próprios. Outra compensação comum costuma ser uma devoção forçada, uma atividade entusiasta em vários movimentos da Igreja e um aumento da atividade missionária e pastoral. No entanto, são bem conhecidas outras reações, tais como alcoolismo, fixação na carreira ou nas posses (transfigurada, por exemplo, em vários tipos de «coleccionismo»), abandono do ministério sacerdotal ou uma relação sexual secreta. E não esqueçamos também os zelosos do campo oposto. Muitos combatentes pela renovação da Igreja, muitos críticos incansáveis da «hierarquia de Roma», muitos combatentes entusiastas pela abolição do celibato e pelo sacerdócio das mulheres e muitos lutadores contra os «fundamentalistas» encontram-se, às vezes, entre aqueles que com tais atividades abafam aos gritos a «perda da fé», aquela fé que inadmitidamente invejam aos «fundamentalistas».



Ao longo dos anos, a Paróquia Académica de Praga tornou-se um importante lugar de diálogo ecuménico e inter-religioso. Recebemos entre nós o Dalai Lama tibetano, vários rabinos de diferentes países, monges budistas do Tibete e do Japão, um imã do Iraque, o sumo sacerdote

do santuário xintoísta imperial japonês e muitos outros. Depois de uma meditação conjunta e de um debate com o Dalai Lama tibetano, alguns sacerdotes reprimiram-me por espalhar entre os jovens o «indiferentismo religioso». Não é verdade. Vi que muitas vezes acontece que os estudantes que tinham recebido do seu catequista os habituais clichês esquemáticos sobre o Budismo e outras religiões, mais tarde, como é hoje costume, nas suas viagens ao estrangeiro realmente encontraram-se, ao contrário do seu catequista, com os budistas e com os seguidores de outras religiões. Perceberam que aquilo que tinham ouvido sobre as outras religiões no meio católico era um conjunto de preconceitos, manifestação de ignorância e falta de vontade de compreender, o que, às vezes, os levou a perder a confiança não só no sacerdote que lhes tinha apresentado esses pontos de vista, mas também na credibilidade da Igreja católica e nos seus ensinamentos. Eu sempre tentei mostrar aos alunos as outras religiões como elas realmente são, se possível, «em primeira mão», apontando que, para sermos filhos fiéis da Igreja, não precisamos de rebaixar e de denegrir as outras religiões.



Depois tive outro pensamento: que o que João da Cruz diz sobre a situação de uma alma individual pode ser aplicado a épocas culturais inteiras. Porventura não será a época que muitos caracterizam e realmente vivem como

a época da «morte de Deus» também apenas uma «noite escura do espírito»? Não será o ateísmo do nosso tempo, e com isto quero dizer o ateísmo existencial dos testemunhos de Nietzsche, Heidegger e Sartre, não um «ateísmo intuitivo», superficial, daqueles que não colocam a si próprios quaisquer perguntas espirituais, mas também uma espécie de experiência religiosa?

Quando voltei para a Faculdade de Letras, comecei a dedicar-me intensamente à história do ateísmo filosófico moderno, especialmente ao tema da morte de Deus em Hegel, Nietzsche e outros. À luz do meu encontro com o misticismo cristão, tive a ideia de que tudo aquilo de que esses escritores falam, seja denominado de perda, eclipse, silêncio ou morte de Deus, pode não ser algo «exterior» à história e à experiência da fé. Porventura não pertencerá a «noite escura» ao caminho para Deus? Então, pela primeira vez, pensei: não será o ateísmo, ou pelo menos uma sua forma concreta, em vez de uma «não verdade», apenas uma «parte da verdade»?



Já andei por muitos caminhos e vivi muitas experiências, e ainda não estou no fim. Ainda tenho muito que aprender, muito que amadurecer, muito que expiar e muito que agradecer. Eu provavelmente ainda não cumpri a tarefa que me foi confiada, e talvez ainda não a tenha entendido adequadamente.

Saint-Exupéry diz no *Principzinho*: «O mais importante é invisível aos olhos.» Raramente percebemos como Deus opera nas nossas vidas. Imagino que seja como é tecido um tapete oriental. Se olharmos para a parte de trás de um tapete, tudo o que vemos é um labirinto bastante feio de fios e nós. Quando o tapete finalmente é acabado e revirado, ficamos surpreendidos pelo seu anverso com os seus ornamentos simétricos e cores vivas. Esta esperança deu-me força nos períodos muito enredados da minha vida.

Quando voltei à minha experiência dramática na Antártida, lembrei-me da cena dos Evangelhos quando os discípulos começaram a entrar em pânico no tempestuoso mar da Galileia, enquanto Jesus dormia pacificamente no meio deles. Jesus prega por meio do seu sono. Ocorre-me, até para mim, que o seu sono nessa cena é uma revelação da sua missão, com uma maior profundidade do que o milagre subsequente, que é forçado a executar por causa da falta de fé dos discípulos. Jesus não chega em nome de algum *deus ex machina*, um deus nos bastidores, que, se nos portarmos bem e fizermos isto ou aquilo, elimina todas as tempestades e organiza as nossas vidas de acordo com os nossos desejos. Jesus nega um tal Deus que estaria para lá dos limites do nosso mundo, alguém que poderia ser puxado para o mundo através do cumprimento da Lei, dos sacrifícios, da fé em opiniões doutrinárias corretas, ou outros comportamentos religiosos. Por estar entre nós e as nossas tempestades como um

homem livre do medo, Jesus é capaz de nos infectar com a sua calma. Esta não é a calma de um sábio estoico ou de um herói que pode garantir um final feliz de cada crise, graças à sua inteligência ou força. É a paz daquele de quem a esperança e a confiança irradiam. O Deus de Jesus não é um «deus nos bastidores», é o fundamento e a profundidade do nosso ser. Distanciamos-nos dele através do medo que naturalmente assume o controlo de nós, quando pensamos em nós mesmos no meio de redemoinhos e tempestades, mas entramos em contato com Ele quando deixamos um espaço livre dentro de nós mesmos, embora silencioso e adormecido. Sim, Deus sabe estar silencioso e também nos ensina o silêncio.

Um teólogo, especialista religioso e sacerdote, tem de falar sobre Deus. É ainda mais importante que também seja capaz de permanecer em silêncio sobre Deus e de ouvir o silêncio de Deus. Se aqueles de nós que falam de Deus «profissionalmente» não devem ser blasfemos imodestos, devemos também cultivar a comunicação silenciosa com o inexprimível mistério, a comunicação que se chama vida espiritual. As nossas palavras devem provir do silêncio e fluir para ele.

TOMÁŠ  
**HALÍK**

**de novo em Portugal**  
**20-22 de novembro**





DA IGREJA  
**CLANDESTINA**

---

AO LABIRINTO DA  
**LIBERDADE**